

SOBRE OS DISCURSOS E AS PRÁTICAS PATRIARCAIS MONOGÂMICAS E COLONIAIS CRISTÃS: UMA ANÁLISE DA OBRA “*NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*”

Carlos Henrique Jurazeki Junior (PIC/Uem), Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora). E-mail: ra128507@uem.br, daFerrazza@uem.br
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/Psicologia Social

Palavras-chave: Colonialidade de gênero; Estudos feministas; Feminismo decolonial.

RESUMO

Paulina Chiziane é uma das mais potentes vozes da literatura preta e moçambicana da atualidade. Embora tenha escrito instigantes obras ao longo da década de 1990, foi através de “*Niketche: uma história de poligamia*” que foi elevada à categoria de referência maior na literatura africana contemporânea e, mais especificamente, nas discussões em torno das práticas sociais herdadas do período colonial articuladas às questões de gênero. Frente a tão necessária discussão, esta pesquisa objetiva compreender o sofrimento feminino como fruto dos atravessamentos de discursos e práticas patriarcais, monogâmicas e coloniais cristãs. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico dividido em três momentos: análise de obras feministas e decoloniais; levantamento de estudos críticos sobre o romance; e elaboração de um texto analítico que articulasse a narrativa de Chiziane (2004) aos aportes teóricos. Nos resultados, foram selecionados capítulos de livros de autoras engajadas nos debates feministas e dezesseis artigos sobre o romance. A análise indicou que o sofrimento das mulheres das colônias pode ser compreendido como sintoma de um fenômeno estrutural, enraizado em sistemas coloniais e patriarcais, sustentados pelos discursos cristãos e a prática da monogamia. Por outro lado, foi destacado o potencial emancipatório da narrativa, que retrata a aliança entre mulheres como ato de resistência. Por fim, infere-se que a articulação entre literatura, feminismo e decolonialidade amplia a compreensão dos dispositivos opressivos e fortalece debates promotores da libertação de saberes, ao incentivar práticas sociais capazes de resgatar o passado, transformar o presente e reinventar futuros.

INTRODUÇÃO

A literatura africana contemporânea constitui-se como um espaço de resistência, denúncia e reinvenção de modos outros de existência, desviantes dos padrões importados do Ocidente. Ao lado de Buchi Emecheta (1944-2017), Chimamanda Ngozi Adichie e tantas outras escritoras do continente, Paulina Chiziane – primeira mulher a publicar um romance em Moçambique – destaca-se ao escrever sobre o sofrimento das mulheres das colônias, ao compreender esse fenômeno como efeito

da colonialidade de gênero (Lugones, 2014). Isto é, o modo como a dominação colonial impôs hierarquias de gênero, deslegitimou saberes e instituiu padrões que ainda estruturam as relações sociais. Nesse cenário, encontra-se a obra “*Niketche: uma história de poligamia*”. Ao desestabilizar os modelos hegemônicos de família e feminilidade, questionar a imposição da monogamia como valor universal e expor as múltiplas violências que recaem sobre os corpos femininos, Chiziane (2004) constrói uma narrativa potente que desafia os resquícios coloniais ainda reverberantes nas estruturas sociais de Moçambique. Diante dessas inquietações, a presente pesquisa objetiva analisar o sofrimento feminino na intersecção de discursos e práticas patriarcais monogâmicas e coloniais cristãs.

MATERIAIS E MÉTODOS

De natureza qualitativa e bibliográfica, o estudo foi desenvolvido em três momentos. Inicialmente, foram analisadas publicações feministas decoloniais que fornecessem pistas sobre os conceitos de patriarcalismo monogâmico e colonialismo cristão. Em seguida, foi analisado o estado da arte de materiais publicados, na plataforma *Google Acadêmico*, no período de 2002 a 2024, sobre a obra chiziana. Por fim, foi construído um texto analítico que relacionasse as duas etapas anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que compete aos resultados, em um primeiro momento foram acessadas as produções de grandes vozes da literatura feminista: Oyèrónkẹ Oyěwùmí, Françoise Vergès, Ochy Curiel, Geni Núñez, María Lugones, Rita Segato e Silvia Federici. Além delas, também foram consultados os estudos de Aníbal Quijano em torno da decolonialidade. No segundo momento, 16 artigos foram selecionados para compor a análise de “*Niketche: uma história de poligamia*”, de acordo com o fluxograma (Figura 1) abaixo.

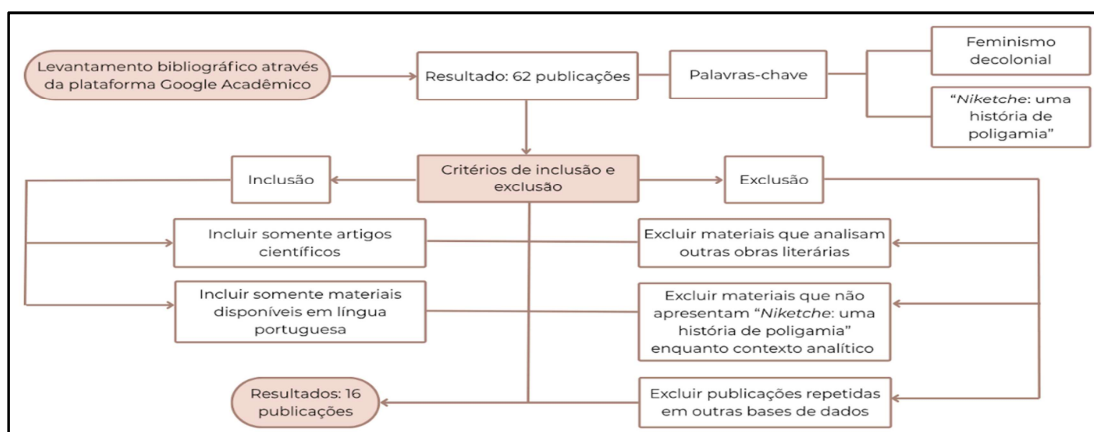


Figura 1 - Levantamento de produções relacionadas à obra “*Niketche: uma história de poligamia*” (2002-2024)

Referente à discussão, a princípio, um percurso pelas diferentes mobilizações feministas foi realizado, com intuito de sinalizar as limitações propostas a partir de

uma ideia de categoria mulher, apoiada na ideia abstrata de sujeito universal – cristão, branco e burguês – e, concomitantemente, silenciar as experiências de mulheres negras, indígenas e colonizadas. A essas primeiras movimentações, Vergés (2019) deu o nome de feminismo civilizatório. Mais de um século adiante, nos Estados Unidos da América, intelectuais como Angela Davis e bell hooks¹ (1952-2021) compuseram o movimento feminista negro, afetadas não somente pelas revoltas que as antecederam, mas também a baixa representatividade nos movimentos a elas contemporâneos. Décadas adiante, já no final do século XX, vozes oriundas de Abya Yala e do continente africano – atravessadas tanto pelas contribuições do feminismo negro quanto pelas críticas à insuficiência analítica do feminismo hegemônico – delinearam o que se convencionou chamar de feminismo decolonial. Diferente das vertentes universalizantes, essa perspectiva não se limita a incluir mulheres racializadas nas pautas feministas, mas questiona as próprias bases epistemológicas e políticas que sustentam a estrutura colonial. Autoras como María Lugones, Ochy Curiel, Rita Segato e Oyèrónkẹ Oyěwùmí evidenciam que a colonização não apenas reorganizou o poder político e econômico, mas também impôs uma nova gramática de gênero, ao instaurar binarismos e hierarquias inexistentes em muitos contextos pré-coloniais. Ao articular gênero, raça, classe e sexualidade de forma indissociável, o feminismo decolonial propõe a recuperação de saberes subalternizados, a valorização de cosmologias locais e a construção de estratégias de resistência que reconheçam as especificidades históricas e culturais das mulheres do Sul Global. Em “*Niketche: uma história de poligamia*”, Chiziane (2004) traduz, em narrativa literária, muitos dos elementos discutidos pelo feminismo decolonial, ao expor como tradições locais, influências coloniais e práticas patriarcais coexistem e se tensionam no cotidiano das mulheres moçambicanas. Exemplo disso é observado logo nos primeiros suspiros de vida de uma criança, quando “[...] ao nascer, a menina é anunciada com três salvas de tambor” (Chiziane, 2004, p. 161), enquanto “[...] o rapaz, com cinco” (Idem). Frente a esse contexto, a trajetória de Rami, protagonista da obra, revela o impacto dessas camadas históricas na conformação da subjetividade das mulheres das colônias, educadas para renunciar aos próprios desejos e, em uma proximidade às representações em torno da imagem da Virgem Maria – um símbolo da fé europeia – servir aos impulsos e às vontades dos homens que as permeiam, seja ele o pai, quando mais novas, seja ele o esposo, quando matrimoniada. Conforme Chiziane (2004, p. 161), afinal, em uma crítica à estrutura colonial moçambicana, o “[...] homem é quem casa. A mulher é casada. (Chiziane, 2004). A obra, de tal modo, evidencia que a opressão em contextos posteriores à colonização não pode ser dissociada da intersecção entre patriarcado e colonialidade, pois é nessa confluência que se forjam subjetividades marcadas pela obediência e pela subalternização. Ao narrar não apenas a denúncia, mas também a criação de alternativas coletivas, Chiziane (2004) propõe uma epistemologia insurgente: uma literatura atuante como teoria decolonial

¹ O nome bell hooks – pseudônimo de Gloria Jean Watkins – foi mantido em letras minúsculas como ato de respeito à trajetória da escritora, que, por décadas, assim assinou as suas obras.

em si, à medida que recupera saberes locais, valoriza cosmologias silenciadas e abre caminhos para novas formas de existência no Sul Global.

CONCLUSÕES

A análise da obra “*Niketche*: uma história de poligamia” evidencia que o feminismo decolonial, ao articular gênero, raça e classe à colonialidade, oferece ferramentas essenciais para compreender as múltiplas opressões que atravessam as mulheres do Sul Global. Nesse sentido, a trajetória de Rami – a protagonista da obra de Chiziane – revela como práticas patriarcais, tradições locais e imposições coloniais se entrelaçam na produção de subjetividades subalternizadas, ao mesmo tempo em que aponta para a potência transformadora da coletividade feminina como estratégia de resistência e reconstrução de formas de existir para além dos moldes ocidentais. No áspero cenário de uma sociedade ainda atravessada por discursos misóginos e neoliberais, “*Niketche*” emerge como ato de rebeldia. De tal maneira, enquanto os dizeres e os fazeres dos mais diversos campos da Psicologia ainda se associarem a uma falaciosa universalidade de teorias europeias (Gouveia; Zanello, 2019), urge que as vivências de mulheres do Sul Global sejam acolhidas e analisadas sob uma perspectiva menos ortodoxa e mais próxima de uma realidade não ocidental. Nesse sentido, tanto a literatura de Chiziane quanto a ciência psicológica convocam ao tensionamento dos paradigmas que sustentam práticas clínicas e institucionais cristalizadas, ao abrir espaço para epistemologias outras que, assim como em “*Niketche*”, desestabilizam o eurocentrismo e iluminam modos plurais de existência e resistência.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, P. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOUVEIA, M.; ZANELLO, V. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo**, v. 24, e42738, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.42738>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Debate Colonialidade do Gênero e Feminismos Descoloniais. **Revista Estudos Feministas**, v.22, n.3. Dez 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Acesso em: 19 ago. 2025.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.